

Raptado por bandos armados 28 5 82

Vi apenas o que quiseram que visse

— ecologista Burlison em Mutare

O ecologista britânico John Burlison, foi ontem entregue em Mutare (ex-Untáli) pelas autoridades zimbabweanas à missão britânica neste país.

John Burlison havia sido raptado em 17 de Dezembro passado no Parque Nacional da Gorongosa, em Moçambique, por um grupo de bandos armados a soldo da África do Sul.

Falando com dois jornalistas moçambicanos, durante o que foi o seu primeiro contacto com a Imprensa, John Burlison afirmou naquela cidade que estava ansioso por se juntar a sua família em Norton Teeside, na Grã-Breanha. Disse: **cheguei a pensar que aquilo nunca mais acabava.**



«Dois dos moçambicanos, que comigo foram raptados, foram mortos a 23 de Dezembro por tentarem escapar», disse Burlison, explicando que por isso desistira de procurar fugir. (Foto de Fernando Lima)

Momentos antes de ser entregue a três representantes do Governo britânico no Zimbabwe, Burlison admitiu que, após ver a sua família, se colocaria a si mesmo a hipótese de poder voltar a trabalhar em Moçambique.

Sobre o tempo que permaneceu em cativeiro, o ecologista referiu que poucos dias após ter sido raptado lhe tinham colocado a hipótese de **um helicóptero me vir buscar.** Ele disse que no entanto, tal nunca veio a suceder.

Os bandos armados, que vêm actuando no centro de Moçambique, são apoiados pela África do Sul, que os abastece com aviões e helicópteros do exército sul-africano. Burlison disse a este respeito que tinha visto alguns pára-quedas, mas que sempre fora impedido de assistir ao seu lançamento.

«Fiquei com a sensação que vi e senti apenas aquilo que quiseram que eu visse e sentisse», afirmou.

Burlison, neste seu contacto com a Imprensa, mostrou-se muito apreensivo sobre o efeito **que podem ter as minhas declarações em relação ao futuro de Moisés Carril,** um cooperante chileno, raptado na mesma altura que ele. Desde 8 de Fevereiro deste ano que Burlison foi separado de Moisés Carril, temendo agora que o que **possa vir a dizer venha a ter efeitos negativos sobre o seu destino.**

Ainda durante as declarações que prestou aos jornalistas moçambicanos, o ecologista britânico disse que «dois dos moçambicanos que comigo foram raptados, foram mortos em 23 de Dezembro por tentarem escapar». Por isso, desistira de procurar fugir. Ele frisou também que os bandos armados executam frequentemente as pessoas que raptam e que se negam a colaborar com os seus actos criminosos.

John Burlison referiu que o grupo de bandidos armados, que o mantivera preso, obtinha a sua alimentação a partir de roubos que fazia a aldeias comunais e a lojas. Ele disse que, por várias vezes, assistiu à chegada de géneros provenientes de assaltos realizados contra aldeias comunais.

Presentemente, Burlison encontra-se em Harare, a capital do Zimbabwe, de onde deve partir em breve para o seu país, a fim de se reunir à sua família. Através dos jornalistas Alves Gomes e Fernando Lima, ele enviou uma mensagem aos seus colegas de trabalho em Moçambique na qual afirma, nomeadamente que «estou feliz por ser livre outra vez».

Ontem, o Comandante Militar da Província de Manica, Major-General Tobias Daí, apresentou à população do bairro de Nhanagena, em Chimoi, três elementos dos bandos armados, informou o emissor da «Rádio Moçambique» naquela província.

Os três disseram que a África do Sul faz o aprovisionamento dos bandos armados, desde o fornecimento de armas à alimentação.

Disseram, também, que a África do Sul envia peritos militares para os treinar.

Acrescentaram que helicópteros sul-africanos costumam aterrar em território moçambicano durante a noite e que militares sul-africanos, especializados em sabotagem, têm actuado dentro de Moçambique.

Um deles, de nome Abissa Cancão, de 23 anos, entregara-se dias antes às autoridades militares moçambicanas em Manica. Os outros dois foram capturados no decurso de uma operação levada a cabo por uma unidade das Forças Armadas Moçambicanas (FPLM). (AIM)